

ASCESE E BIO-ASCESE NA TERCEIRA IDADE

Jameson Thiago Farias Silva – Universidade Federal de Sergipe

Kleber Jean Matos Lopes – Universidade Federal de Sergipe

Lázaro Batista da Fonseca – Universidade Federal de Sergipe

Áurea Maria Pires Rodrigues – Universidade Federal de Sergipe

Bruna Vieira Barbosa – Universidade Federal de Sergipe

1. Introdução

O Príncipe de Maquiavel trata, simplesmente, do governo do soberano, de como este deve operar para conservar sua soberania. Soberania, esta, circular, pois remete à própria prática soberana. “O bem é a obediência à lei, portanto o bem a que se propõe a soberania é que as pessoas obedeçam a ela” (FOUCAULT, 1979a, p.284).

No entanto, devido aos movimentos de concentração estatal e dispersão religiosa, a partir do século XVI surge o governo enquanto questão e problema. Como governar e ser governado, com que objetivos e métodos, por quem e para quem. Questões e problemas que toda a literatura “anti-Maquiavel” pretendeu tratar, substituindo a doutrina transcendente do soberano maquiavélico por uma arte de governar (FOUCAULT, 1979a).

Tanto a pedagogia política do soberano, ascendente, quanto a polícia moralizante, descendente, tem como alvo e fim a família e o seu governo, chamado de economia, que se refere não há territórios e leis “e sim um conjunto de homens e coisas” (FOUCAULT, 1979a, p.282). A soberania tem como finalidade, ela mesma. Já a finalidade do governo são as coisas governadas. Enquanto o soberano utiliza de leis para gerir seu principado, o governo utiliza de táticas diversas frente à população, que

“aparece como sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo; como consciente, frente ao governo, daquilo que ela quer e inconsciente em relação àquilo que se quer que ela faça” (FOUCAULT, 1979a, p.289).

A medicina científica não é uma medicina privada, individual, mas está atrelada a todo um discurso coletivista, social e urbano. Diferente das – e, ao mesmo tempo, aliada às – medicina urbana francesa e medicina de Estado alemã, aparece, na Inglaterra, uma medicina que “é essencialmente um controle da saúde e do corpo das classes mais pobres para torná-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas às classes mais ricas” (FOUCAULT, 1979b, p.97). Três medicinas que, embora articuladas sob formas diversas, visam à população enquanto objeto do governo. O capitalismo – lógica de produção – cria o objeto-corpo enquanto força de trabalho, enquanto realidade biopolítica.

A velhice é compreendida, dentro deste paradigma médico-sanitarista, como fase de declínio, no qual “os sinais da idade tornaram-se marcas de aversão e patologia” (ORTEGA, 2002, p.159). É nesse contexto que buscamos compreender os grupos de idosos e seus movimentos de auto-ajuda, que alvejam uma senescência vigorosa, destra e produtiva. O presente artigo visa discutir os conceitos de ascese e bio-ascese e articulá-los à terceira idade e às políticas públicas que os objetivam.

2. Uma medicina social

O modelo do virtuoso, daquele que resiste com presteza às tentações, é repetida figura cristã. Mas é comum encontrarmos tais heróis da alma, senhores de si, na Antiguidade pagã. A relação abstinência sexual/acesso à verdade já era, aí, salientada. No entanto, não podemos inferir daí uma continuação entre ambas as morais, visto que cada uma possui seu próprio lugar e valor.

“... é preciso ter em mente que a Igreja e a pastoral cristã defenderam o princípio de uma moral, cujos preceitos eram coercitivos e de alcance universal (...) No pensamento antigo, em contrapartida, as exigências de austeridade não eram organizadas em uma moral unificada, coerente, autoritária e imposta a todos do mesmo modo; elas eram, de preferência, um suplemento, uma espécie de “luxo” em relação à moral corriqueiramente admitida (Foucault, 2004a, pp.207-208).”

Levadas em consideração as divergências entre a *askêsis* grega e as codificações cristãs, podemos pensar toda conduta como constituidora de um “si mesmo”, a “ação moral” levando à constituição de um “sujeito moral”, num modo de subjetivação indissociável às “práticas de si” (FOUCAULT, 2004b). E é tratando sobre a tecnologia política dos indivíduos que Foucault (2004b) muda o campo de questões das técnicas éticas de si para o reconhecimento nosso como elementos de uma entidade social, de uma nação, de um Estado.

A razão do Estado, entendida como uma racionalidade própria à arte de governar, é racional na medida em que observa a natureza daquele que é governado, não remetendo à sabedoria divina, ao pensamento humano ou às estratégias de principados. Relaciona-se ao Estado, a sua natureza e a sua racionalidade próprias (FOUCAULT, 2004b). Assim sendo, a ocupação única dos governos é a manutenção e o fortalecimento de suas forças mesmas, não se ocupando com os indivíduos;

“ou melhor, eles apenas têm que se preocupar com os indivíduos quando eles apresentam algum interesse para essa finalidade: o que eles fazem, sua vida, sua morte, sua atividade, sua conduta individual, seu trabalho e assim por diante” (Foucault, 2004b, p.308).

Essa tecnologia de governo é melhor apreendida quando disposta nas três principais formas que qualquer tecnologia assume ao longo da sua história. De início, um sonho utópico; seguido de práticas e instituições que acabam – finalmente – por desembocar numa disciplina acadêmica.

A soberania tem, como finalidade, ela mesma. Já a finalidade do governo são as coisas governadas. Melhor dizendo! Enquanto o soberano utiliza de leis para gerir seu principado, o governo utiliza de táticas diversas frente à população (FOUCAULT, 1979a). A população surge, aqui, como sujeito e, ao mesmo tempo, objeto das aspirações estatais.

Foucault coloca o corpo como objeto do capitalismo, socializado enquanto força de trabalho e produção em fins do século XVIII e começo do século XIX. Se o corpo aparece como realidade bio-política, a medicina, igualmente, surge como estratégia bio-política. Antes, no entanto, de normalizar o doente, normaliza-se o médico, padronizando sua profissão, organizando seu saber e subordinando sua atuação à administração estatal, na chamada *Staatsmedizin* alemã. “O médico foi o primeiro indivíduo normalizado na Alemanha” (Foucault, 1979b).

Com a urbanização, as revoltas camponesas vão cedendo lugar às revoltas urbanas, cada vez mais frequentes devido ao proletariado emergente. Surgem regiões de amontoamento nesse espaço urbano. A água e o ar se vêem impedidos de bem circular. Era necessária uma política capaz de lidar com tais equações. Aparece, destarte, na segunda metade do século XVIII, em território francês, uma higiene pública que nada mais é que uma sofisticação da quarentena militar:

“O poder político da medicina consiste em (...) fixar, assim, a sociedade em um espaço esquadrihado, dividido, inspecionado, percorrido por um olhar permanente e controlado por um registro, tanto quanto possível completo, de todos os fenômenos” (Foucault, 1979b).

Aliada à medicina alemã, que tinha o estado como objeto, e à medicina francesa, cujo objeto de medicalização eram as cidades, surge – na Inglaterra – uma medicina que objetiva os pobres e os trabalhadores, visando torná-los mais aptos à produção e menos perigosos às classes abastadas (FOUCAULT, 1979b).

3. Da submissão *do* corpo à submissão *ao* corpo

A ascese é um processo de subjetivação. Constitui um deslocar duma subjetividade a outra, oscilação entre uma identidade recusada e outra almejada. Não a passagem dum estado pleno a outro estado pleno, mas o trânsito teleológico que se dá “entre” as identidades. Diz-nos Ortega (2002) que nas ascèses da Antiguidade o almejado era sempre “um desafio aos modos de existência prescritos, uma forma de resistência cultural, uma vontade de demarcação, de singularização, de alteridade” (p.142).

Pensemos na dietética, característica da ascese greco-romana. A dietética, enquanto equilíbrio corporal, enquanto cuidado de si, visava uma purificação da alma; “a ascese corporal visa, no fundo, uma ascese da alma” (ORTEGA, 2002, p.145). O sujeito ascético, na auto-renúncia, desenvolvia um universo simbólico à parte, visto que a delimitação de suas relações sociais identificava-se a uma reestruturação das mesmas. As práticas dietéticas, então, eram componentes fundamentais da vida política, da ação livre e da vontade forte. Estilísticas da existência que miravam não o sujeito ascético e seu corpo, mas o outro e a cidade. É a presença do outro que valoriza o cuidado de si.

Classicamente, as práticas de saúde, dietéticas, legitimavam o corpo para a vida pública. Através da ascese, da auto-anulação, do encontro com Deus, o corpo adquiria uma autonomia da vontade, liberdade sobre si que transbordava em poder sobre os demais. Nas modernas bio-ascèses, entretanto, a vontade não é libertária, mas “ressentida, serva da ciência, da causalidade, da necessidade, que constrange a liberdade de criação e elimina a espontaneidade” (ORTEGA, 2002, p.144). À ascese Antiga, enquanto prática de liberdade da alma, contrapomos as bio-ascèses contemporâneas, medicina social em forma de disciplina individual.

Nesta biossociabilização, o vocabulário médico-sanitarista adquire conotação moral, e adjetivos como “forte”, “belo” e “saudável” tornam-se critérios de avaliação pessoal (ORTEGA, 2002). Ocorre, no contemporâneo, uma busca da aparência e do aparente valorizada pelos helenos clássicos mas, para estes, era através do discurso e da ação que revelava-se a essência, identidade construída nos papéis representados. No entanto

“À procura da autenticidade, os românticos tornaram-se inartísticos, perderam a aparência e ganharam a interioridade, provocando uma decomposição progressiva da vida pública. Nós abolimos a interioridade sem recuperar o fingimento dos antigos” (ORTEGA, 2002, p.169).

É neste perspecto que buscamos compreender os grupos de idosos (e demais movimentos de *self care*) como uma resistência à medicalização que, ao mesmo tempo, estimula a construção de bio-identidades. Para tanto, marcamos encontros com um grupo de idosos – nosso campo de observação – almejando inferir e fazer algo daquilo que nos foi apontado pela leitura.

4. Metodológicas

A assiduidade dos idosos, o compromisso da terça sempre marcado, o horário sempre delimitado e as atividades sempre rotineiras. Semanalmente, às terças-feiras, davam-se nossos encontros com homens e mulheres de terceira idade, nos quais realizávamos tanto nossa prática de pesquisa quanto estabelecíamos vínculo com esses idosos. O grupo de senescentes reunia-se no Lion’s Club – colégio primário situado no Bairro Roza Elze, em São Cristóvão, Sergipe – com o intuito de participar das atividades do Prof. Marcos Monteiro, membro efetivo do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe.

As atividades no clube tomavam toda a tarde, embora nossa participação tenha sido restringida das 14 às 15 horas. Neste horário, os idosos participavam de atividades de alongamento e ginásticas com o Prof. Monteiro, prelúdio para as danças e cantos populares que sempre se seguiam após tal aquecimento.

Um adendo sobre metodológicas e afins! A cartografia, método proposto por Deleuze e Guattari, e por nós abraçado na confecção da pesquisa, adota uma perspectiva construtivista que não visa representar objetos ou formular conceitos, mas acompanhar processos e identificar tendências (KASTRUP, 2007). O presente plano de trabalho também assume sua inspiração bergsonista, pois,

como doutrina original e originária, organizou a própria Intuição como metodologia para eliminar os falsos problemas e bem colocá-los em termos de Duração (DELEUZE, 1999).

Todas as nossas experiências compartilhadas encontram-se registradas num diário de campo virtual, o *weblog* (Em) Caminhamentos de Pesquisa (<http://caminhosdepesquisa.blogspot.com/>). Tal endereço eletrônico é partilhado por pesquisas outras, sendo usado não só como registro de nossas observações, mas também como lugar de discussão, no qual partilhamos nossas leituras em comum, através de fichas de conteúdo e resenhas, e conhecimentos outros que não diretamente ligados à pesquisa, como contos e poesias.

Nas reuniões, o Prof. Monteiro fazia – de forma indireta e divertida – os idosos alongarem e aquecerem músculos e ossos para o porvir de sempre. Seguiam-se brincadeiras e danças populares, folclóricas, gerando momentos muito divertidos entre os idosos, o professor e nós, pesquisadores.

O Lion's Club, no qual eram realizadas as reuniões dos senescentes, situa-se numa região sem asfaltamento e de saneamento precário, misturando – sob o sol escaldante do meio-dia – mulheres e varões, senhores e meninas, cachorros e ruas sem nome, criando um ambiente peculiar para os viajantes que rumam às danças e exercícios do colégio primário.

Nossas atividades no grupo de idosos se encerraram com as férias natalinas do Lion's Club que, lembramos, é uma escola infantil. Ansiávamos retornar ao grupo para a realização de entrevistas, questionários e outros dispositivos analíticos, mas o próprio Marcos Monteiro – estandarte do grupo – não pode retornar às suas atuações devido a burocracias. Nosso período junto aos idosos, no entanto, foi rico em experiências, o que justificou a nossa decisão de não buscar um novo campo de pesquisa e trabalhar nos dados que já tínhamos produzido até então.

5. “Parelha boa é de dois em dois...”

Dia 16 de setembro de 2008 deu-se nossa primeira intervenção, apreensiva e ansiosa frente à alteridade. Nossa atenção a tudo rastreava, encantada com a exotividade desta realidade outra. Adentramos numa pequena sala aos fundos do colégio, acompanhados do Prof. Marcos Monteiro. Espantoso foi perceber a enorme afetividade dos idosos para com o professor e, fato ainda mais notável, um grupo tão solidamente configurado nos aceitar tão docemente. Trinta idosos, em aproximado. Nossas pessoas, mesmo apresentadas como pesquisadoras em psicologia, foram bem aceitas pelo grupo, não tardando para que o mesmo entranhasse nossos corpos estranhos. No entanto, esse mesmo *self* estereotipado – “*o pessoal da Psicologia!*” – pode ter nos dado a licença para adentrar. Aliada às ginásticas do Prof. Monteiro, nossa intervenção era vista como uma medicina da alma (“*Psicólogo é o único médico ao qual eu ainda não fui...*”), reforçando o caráter bio-ascético instaurado no grupo, ainda que, neste primeiro dia, nossa atuação direta possa ser resumida em suporte ao Prof. Monteiro: carregamos cadeiras, dispomos os móveis e gravamos conversas.

E, falando em conversas, muitas vezes escutávamos confidências pessoais daqueles senhores e senhoras. Em exemplo, as histórias duma recém-viúva e seus problemas de relacionamento com a filha única ou os comentários graciosos e cômicos duma senhora nonidécenária que quase mata a amante do ex-marido. Ocupávamos, de alguma maneira, uma função que não existia ali, anteriormente. Sentimo-nos incomodados, num momento, por nossas interferências não serem, necessariamente, equivalentes às encomendas e anseios daquela gente.

De alguma maneira, cumpríamos um papel bio-ascético no grupo. Éramos médicos-confidentes, curandeiros dos males da alma e das águas do espírito. Num movimento mais direto, porém desolador, sugerimos uma prática poética no grupo, melhor explanada por um registro nosso.

“Esperando levar o novo aos velhos, pedi a estes que trouxessem aos encontros poemas ou músicas, cantigas ou anedotas, composições ou empréstimos. Enfim, faríamos algo com aquele algo já feito. Decompor a composição. Expirar a inspiração. E aqui eu demonstro meu desencanto com o feitiço que não encantou. Não foi lá estas coisas! Nem cá!!! Sem lá nem cá para colocar os pés no chão, o sonho não encontrou lugar para acordar. O próprio Monteiro não fez sua rotineira sessão de exercícios,

talvez esperando que a semente frutificasse” (<http://caminhosdepesquisa.blogspot.com/>; 4 de novembro de 2008).

Numa tentativa de levar algo que não apenas mais uma figura bio-ascética a vetorizar os movimentos, sentimo-nos como que falhar. “A reunião transcorreu morgada, esperançosa que o milagre redentor do fim viesse nos elevar” (4 de novembro de 2008). Numa das poucas manifestações deste dia, uma das senhoras presentes nos escreveu numa tira de papel amassado:

“Muita gente tem medo da felicidade. Para estas pessoas, esta palavra significa mudar uma série de hábitos e perder sua própria identidade... É melhor não provar o cálice da alegria, porque, quando este nos falta, iremos sofrer muito...”

Uma ladainha que parece apontar para o discurso identitário da bio-ascese, aquele que busca uma exaltação das performances corporais e uma extensão do tempo de vida por si mesmos. Um abandono da vida recompensado pela extensibilidade da vida mesma! Um episódio, ocorrido no mesmo dia, fez-nos divagar: os idosos, ansiosos por uma apresentação de dança que realizariam dali a algumas semanas, comentaram que a cor do vestido de uma das senhoras era levemente divergente dos demais tecidos. Daí, uma voz soa que *“é diferente. Mas, tudo misturado, passa batido...”*.

Seguindo um relato nosso, do encontro seguinte, chegamos a semelhantes considerações.

“Fui andando, temperado sob o sol, mais uma vez. O "Era Uma Vez" de todo personagem começa, de facto, com uma andança. E, nessa destemperança encontrei, no meio do caminho, algo muito maior - e melhor! - do que pedras. Dois lindos senhores - um casal, em verdade - estavam sentados na calçada, seguros da fúria dantesca e sustentada de um Sol Maior. Reconheci, parei, sentei, conversei e conjurei mais alguns verbos em companhia deles. Falamos sobre istos, aquilo e um pouco mais” (<http://caminhosdepesquisa.blogspot.com/>; 11 de novembro de 2008).

Enquanto caminhávamos para o colégio, percebi que a senhora nos percebeu um pouco mais ágil do que ela e seu companheiro de pernas. Disse, num reforço a sua bio-identidade, que *“velho anda devagar, que é pra esperar outros velhos”*. Enquanto caminhávamos, o casal continuava em sua andança, trilhando uma nova estrada. Começaram a falar de comida e os cuidados para com a alimentação. O Senhor pronuncia: *“Eu não como peixe com escama, caranguejo, pitu...”* Daí, a Senhora o interrompe: *“Você não come peixe carregado, é!?”* Ele finaliza, trazendo o riso e a vida da ascese para a sua prática assujeitadora: *“Carregado, não! Só comprado, mesmo!”* Todos, após segundos de silêncio, nos pusemos a rir. Não a gargalhada do bufão, mas o sorriso do menestrel. Riso interno, só nosso!

Quando chegamos no Lion’s Club, ao abraçar a nonidecenária do grupo, elogiamos o seu perfume. Ela devolveu, afirmando sua personalidade-idoso: *“Velho tem que ser cheiroso. Velho e rabugento não dá, né!?”*. No mesmo dia, entretanto, a mesma senhora, numa conversa-cochicho, fala-nos, sugerindo uma ação libertária, uma ética-estética típica dos Antigos e que vai de encontro à lógica ressentida da medicina social: *“Não somos velhos, não! Velha é a estrada!”* Um grito de territorialização e de lançamento à pólis e ao outro. Ou, como nos disse uma Dona em música: *“Parelha boa é de dois em dois...”*

6. Algumas considerações

Aprendemos com os cantores do grupo que *“o anel do cirandeiro brilha mais do que o Sol...”*. Alongávamos, sim, mas eram os comentários e piadas paralelas que eram esperadas. Fazíamos exercícios, de fato, mas os mesmos valiam por aquecerem para as danças. Buscávamos nos adequar a um modelo bio-ascético, verdade, mas era pela ascese libertária que a mesma proporcionava.

Mas um ponto merece destaque. O Prof. Marcos Monteiro, devido a burocracias, não pôde retomar as suas atividades e ginásticas no grupo. Com a saída de Monteiro do grupo, acabou-se o grupo enquanto movimento. O Lion's Club continuava a ser espaço de encontro, mas sem o seu atrator bio-ascético. Sem um lugar de encontro para que a invenção possa se dar mas, igualmente, sem uma política que bem modelasse suas ansiadas bio-identidades.

Veza e outra, esbarrávamos com senhoras do grupo e estas nos perguntavam, sorumbáticas, sobre o Prof. Marcos e sua presença no grupo. As reuniões no Lion's continuavam correndo, mas poucos velhos se faziam presentes. Revela-nos, isto, um desinvestimento dos idosos para com a política do clube. Quase um fracasso no modo como a ONG, sem o Marcos, opera suas bio-ascéticas. A saída do Prof. Marcos significa a saída da principal força que operava o encontro, embora não fosse a única, fazendo frente – constantemente – às exigências institucionais do local.

O Lion's Club, no entanto, parece não fornecer uma política suficientemente confortadora aos idosos, acalentadora de seus males e construtora de uma boa vida. A saída do Marcos – e até mesmo dos pesquisadores psi, outra força que, ainda mínima, se configurava como bio-ascética no ambiente – pode ter sido encarada como luto pelas senhoras e senhores do grupo. Mas um luto que, assim como as experiências trazidas pelo Prof. Monteiro, pode se fazer ascese. Possibilidades. Vida.

Referências

ORTEGA, Francisco; Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao *corpo*; In *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*; orgs. Margareth Rago, Luiz B. Lacerda Orlandi, Alfredo Veiga-Neto; Rio de Janeiro; DP&A Editora; 2002.

FOUCAULT, Michel; *A Governamentalidade*; In *Microfísica do Poder*; org. e trad. Roberto Machado; Rio de Janeiro; Editora Graal; 1979a.

_____ ; *O Nascimento da Medicina Social*; In *Microfísica do Poder*; org. e trad. Roberto Machado; Rio de Janeiro; Editora Graal; 1979b.

_____ ; *O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si*; In *Ditos & Escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

_____ ; *A Tecnologia Política dos Indivíduos*; In *Ditos & Escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

KASTRUP, Virgínia; *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*; In *Psicologia e Sociedade*; 19(1); jan/abr; 2007; pp. 15-22.

DELEUZE, Gilles; *Bergsonismo*; Trad. Luiz B. L. Orlandi; São Paulo; Editora 34; 1999.

www.caminhosdepesquisa.blogspot.com